



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - Unilab
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)

CARMEM AIRES DOS REIS

ASSOCIAÇÃO LAMBDA: A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS LGBT
E SEUS DISCURSOS NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS.

Redenção - CE

2016

ASSOCIAÇÃO LAMBDA: A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS
LGBT E SEUS DISCURSOS NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS.

CARMEM AIRES DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra

Redenção - CE

2016

ASSOCIAÇÃO LAMBDA: A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS LGBT
E SEUS DISCURSOS NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Bacharelado em Humanidades da Unilab como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra (Unilab/Orientador)

Prof^a. Dr. Edson Holanda Lima Barboza (Unilab/1º. Examinador)

Profa. Dra. Silviana Fernandes Mariz (Unilab/2º. Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este TCC para:

Minha avó, Catarina Marques Viera (*in memoriam*), por se fazer presente mesmo ausente.

Minha querida irmã Edineia Zelma da Conceição da Silva por ter resignificado a minha trajetória acadêmica no Brasil durante 3 anos.

“Eu nasci negra e uma mulher. Estou tentando me tornar a pessoa mais forte que consigo para viver a vida que me foi dada e ajudar a efetivar mudanças em direção a um futuro aceitável para o planeta e para minhas crianças. Como negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças – incluindo um menino – e membro de um casal interracial, com frequência me vejo parte de algum grupo no qual a maioria me define como devassa, difícil, inferior ou apenas ‘errada’”.

(Audre Lorde – **Não existe hierarquia de opressão**)

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, saúde, esforço e coragem que me deu de deixar os meus familiares e atravessar o oceano para chegar ao Brasil em busca de um futuro melhor.

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) pelo apoio e confiança da instituição, pelo ambiente criativo e amigável que proporciona e pela experiência de fazer o Curso de Bacharelado em Humanidades.

Agradeço ainda a minha querida e amável mãe, senhora Marcelina da Silva, heroína que me deu apoio, incentivou-me nas horas e momentos difíceis de desânimo e cansaço, uma mulher por quem eu tenho a maior admiração. Ela se empenha muito para minha formação dia e noite por isso não tenho nada para te pagar. É só agradecimento mesmo.

Ao meu pai Faustinião Aires Dos Reis, homem inteligente que me apoiou moralmente e financeiramente para concretizar o meu sonho desde o ensino primário na Cooperativa escolar São José até ao Brasil.

É com muita honra e prazer que eu tenho de agradecer ao senhor Meireles Rodrigues, a minha querida tia, amável Maria da Graça Aires dos Reis, ao meu tio Mario Musseline, sem esquecer da sua esposa dona Satam. São as pessoas que eu tenho maior admiração nesse mundo. Não posso pagar o que eles fizeram por mim, mas sim sou muito grata a todos, muito obrigado.

Sem esquecer da minha professora do ciclo que é Guilhermina, que me deu grande atenção no momento da aula. E o meu professor do liceu, Luís, que também me apoiou muito para chegar aqui, sempre ele fez a correção da minha redação no liceu, obrigado.

Sem esquecer da minha prima irmã Milene Gomes Soraia Martins pessoa que eu compartilho bons momentos e maus momento sempre estamos juntas a motivar uns aos outros. E especialmente para minha mãezinha Ada Joseliza Co pessoa que sempre me acolhe em qualquer que seja a situação. E ao meu primo Tamilton Teixeira sem esquecer do meu grande amigo e companheiro de luta Domingos Mula que sempre estaremos junto nessa luta de conquista do melhor futuro.

Agradeço também o meu orientador professor, Doutor Carlos Eduardo de Oliveira Bezeira pela paciência na orientação, fornecimento dos matérias para pesquisa, pela rigorosidade e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Obrigado mesmo um professor com didática intelectual, postura e dignidade que admiro muito desde o nosso primeiro dia de encontro, fiquei muito feliz. Agradeço por aceitar a minha solicitação da orientação na hora certa e no momento certo. Agradeço a sua orientação porque com ela consegui aprofundar os conhecimentos sobre LGBT em muitos países da África, principalmente em Moçambique. Muito obrigado não tenho nada para te pagar nesse mundo só o senhor Deus que pode te pagar porque ele é rei maior. Obrigado.

O meu agradecimento também vai especialmente para o meu irmão Olegário Mario Musseline, sem esquecer do mais pequeno, Yasmine Soares Da Gama e ao meu Sobrinho Edimilson, Madalena, Romisio, Catarina, Aires Crefam e a minha querida prima Bloni. E para todos os professores da UNILAB principalmente do Instituto de Humanidade e Letras sem esquecer dos professores que me acompanha durante a graduação, responsável pela realização do trabalho. Obrigado.

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Associação Lambda: a defesa dos direitos humanos de pessoas LGBT e seu discurso nas mídias e redes sociais é resultado de uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa (DAMASCENO et al, 2016) tendo como um dos recortes fundamentais a população que, de algum modo, se auto denomina como sendo Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (LGBT) em alguns países no continente africano e, especialmente, a população LGBT de Moçambique. Não generalizo a presença das homossexualidades ou mesmo de outras sexualidades heterodiscordantes para todo o continente e nem as compreendo como similares aos modos de vida, as culturas e as sexualidades ocidentais e/ou mesmo brasileiros, uma vez que escrevo este TCC no Brasil de onde pude observar outras realidades, daí tenho como definidor da escolha das instituições, sujeitos e seus discursos nas mídias e nas redes sociais analisadas o critério da auto-denominação ou da auto-definição dos mesmos em espaços públicos reais e/ou virtuais. Na condução da pesquisa, meus objetivos específicos foram: 1. A partir dos diversos discursos existentes, procurei identificar as ações da Lambda na promoção dos direitos humanos da população LGBT moçambicana; 2. Contribuir, como mulher guineense, para a discussão a respeito da diversidade sexual e contra o preconceito a partir do discurso daquelas e daqueles que se auto identificam como LGBT ou, como é o caso da Lambda, que “advogam pelo reconhecimento dos Direitos humanos das pessoas LGBT”, o que significa enfrentar uma primeira barreira – a invisibilidade – seja na vida como um todo e no âmbito da pesquisa acadêmico-científica em particular.

Palavras-chave: Direitos humanos. Associação Lambda. Auto-definição. LGBT.

Abstract: The present work of the Lambda Association entitled: The defense of the human rights of LGBT people and their discourse in the media and social networks is the result of a bibliographical, documentary and qualitative research (DAMASCENO et al, 2016), having as one of the fundamental The population that somehow calls itself Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT) in some countries on the African continent, and especially the LGBT population of Mozambique. I do not generalize the presence of homosexuality or even other heterodiscordant sexualities to the whole continent, nor do I understand them as similar to western, and even Brazilian, ways of life, cultures and sexualities, since I write this CBT in Brazil from where I could To observe other realities, hence I have as a defining factor of the choice of institutions, subjects and their discourses in the media and social networks analyzed the criterion of self-denomination or self-definition in real and / or virtual public spaces. In conducting the research, my specific objectives were: 1. From the various discourses that exist, I tried to identify Lambda's actions in promoting the human rights of the Mozambican LGBT population; 2. Contribute, as a Guinean woman, to the discussion about sexual diversity and against prejudice based on the discourse of those who identify themselves as LGBT or, as is the case with Lambda, who "advocate for the recognition of human rights Of LGBT people, "which means facing a first barrier - invisibility - whether in life as a whole and in the context of academic-scientific research in particular.

Key Words: Human Rights. Lambda Association. Self-definition. LGBT.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. ASSOCIAÇÃO LAMBDA DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE.....	13
2. DISSERTAÇÕES: EXPRESSÕES DA HOMOSSEXUALIDADE EM MAPUTO.....	15
2. 1 De “Maria-rapaz” à lésbica: trajetórias identitária de mulheres que fazem sexo com outras mulheres, de Antonio Timba Martins	16
2. 2 Homossexualidade na Cidade de Maputo: Mecanismos de Afirmação e Legitimação Social dos Gays.....	19
3. ESTUDO DE CASO.....	23
4. JORNAL AS CORES DO AMOR.....	25
5. PÁGINA DA LAMBDA NO FACEBOOK.....	28
6. PROGRAMA DE RÁDIO CAFÉ PÚRPURA.....	34
7. RELATÓRIO ATITUDES PERANTE A HOMOSSEXUALIDADE EM MAPUTO, BEIRA E NAMPULA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (doravante TCC) é resultado de uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa (DAMASCENO et al, 2016) que teve como recorte fundamental a população que se auto-denomina como Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (doravante LGBT) em alguns países no continente africano e que se expressa como tal em redes sociais, especialmente, a população LGBT de Moçambique, país situado no sudeste do continente africano, banhado pelo Oceano Índico a leste e que tem fronteiras com os seguintes países: Tanzânia ao norte, Malawi e Zâmbia a noroeste, Zimbabwe a oeste, Suazilândia, e África do Sul a sudeste.

A sua capital, e também maior cidade, é Maputo onde se localiza a sede da Associação Lambda, organização não governamental que luta pelos direitos da população LGBT naquele país e que foi uma das ou a principal fonte de estudo da minha pesquisa. Aqui destaco que não generalizo a presença das homossexualidades ou sexualidades heterodiscordantes para todo os países do continente africano e nem as compreendo como similar aos modos de vida, cultura e sexualidades ocidentais e mesmo brasileiros, uma vez que foi no Brasil, enquanto estudante do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), que a pesquisa ocorreu. Assim, tive como definidor da escolha das instituições, sujeitos e seus discursos o critério da auto-denominação ou da auto-definição dos sujeitos, ou seja, as instituições e sujeitos que pesquisei no desenvolvimento da pesquisa se dizem, se denominam LGBT e o fazem publicamente nas redes sociais. Se os motivos de tal auto-denominação ou auto-identificação suscitam debates outros, estes já não são os objetivos deste TCC.



Localização de Moçambique

Procurei na bibliográfica e em diversas fontes documentais como relatórios, e em fontes na internet como sites, páginas de redes sociais, investigar o entendimento do povo moçambicano a respeito da população LGBT. Meu objetivo geral foi não só entender esse fato, mas problematiza-lo, fazendo o esforço intelectual de compreender como os moçambicanos administram e convivem com a população acima citada a partir do empenho dela mesma na luta por seus direitos e como uma organização não governamental específica, no caso a Associação Lambda, atua nesse sentido. Procurarei trazer para a pesquisa autores que tratam deste tema no continente africano como um todo, na diáspora (Du Bois, 2007, Giroy, 2001, Hall, 2011), e em Moçambique em particular como Evans Pritchard (1970), Bagmol (1996), Luiz Mott (2005) além de Rodrigues (2010), Oduwole (2013), Falola e Akua (2013), Tushabe (2013), Langa (2014), Miguel (2014, 2014a) e toda a documentação da Associação Lambda (2006-2016) a que tive acesso.

Na condução da pesquisa, meus objetivos específicos foram: 1. A partir dos diversos discursos existentes, procurei identificar as ações da Associação Lambda na promoção dos direitos da população LGBT moçambicana. 2. Contribuir, como mulher africana, para a discussão a respeito da diversidade sexual e contra o preconceito a partir do falam os sujeitos LGBT nas redes sociais, das histórias de vida que se dão a conhecer naquelas falas, dos grupos e das performances daquelas e daqueles que se auto-identificam como LGBT, o que

significa enfrentar uma primeira barreira – a invisibilidade – seja na vida como um todo, nas redes sociais em particular e no âmbito da pesquisa acadêmico-científica.

Esta pesquisa se justifica por abordar o preconceito de uma forma obscura em relação a orientação sexual de uma pessoa, ou seja, algo que devia ser de direito de uma pessoa gostar ou não de uma outra do mesmo sexo e não a família ou sociedade, abordando como essas pessoas são colocados entre os últimos nessa sociedade. Principalmente, a camada jovem, que vai perdendo a sua liberdade de escolha e por isso acabam por se afastar da sociedade para se livrar não só do preconceito, mas da tortura de forma física e danificação da sua imagem tirando qualquer hipótese dessa pessoa de se defender, já que as leis que os protegem não existem de modo geral em diversos países do mundo, entre eles em países do continente africano, fazendo com que as pessoas não sejam respeitadas por sua orientação sexual e identidade de gênero¹.

O preconceito faz com que a sociedade perda os seus reais valores, suas qualidades. Assim, nós os futuros líderes desse mundo devemos dar a nossa contribuição, dar nosso máximo para combater o preconceito, ou seja, fazer com que as pessoas possam ter conhecimento sobre o valor de outras pessoas a quem as primeiras consideram como “diferentes”, porém estas possuem qualidades. Com o preconceito nos tornamos cegos para elas. O preconceito é uma forma de técnica de nomeação contra as pessoas achadas inferiores nas nossas sociedades. Podemos ajudar a entender e pensar profundamente sobre os preconceitos contra LGBT, a partir do período pós-independências (25 de junho de 1975 no caso de Moçambique), e também podemos assim refletir como encontrar possíveis soluções de como minimizar e acabar com esse preconceito. Primeiro, é preciso ter a mínima noção de quem são as pessoas LGBT e desse modo evitar a homofobia (Borillo: 2010) e LGBTfobia, pois as sexualidades são parte da vida íntima e particular de um indivíduo.

As diversas formas de violência contra as pessoas LGBT são ações que podem ocorrer tanto pelas mãos de indivíduos ou de grupos, bem como por parte da aplicação de leis governamentais visando as pessoas que contrariam as regras da heteronormatividade. Um crime de ódio contra as pessoas LGBT ocorre porque os seus autores são LGBTfóbicos, também podem ser atribuídos à própria sociedade e os governos através de políticas públicas e de estruturas sociais e culturais ou a uma variedade de grupos religiosos defensores de ideologias extremistas e fundamentalistas que condenam a homossexualidade como pecado,

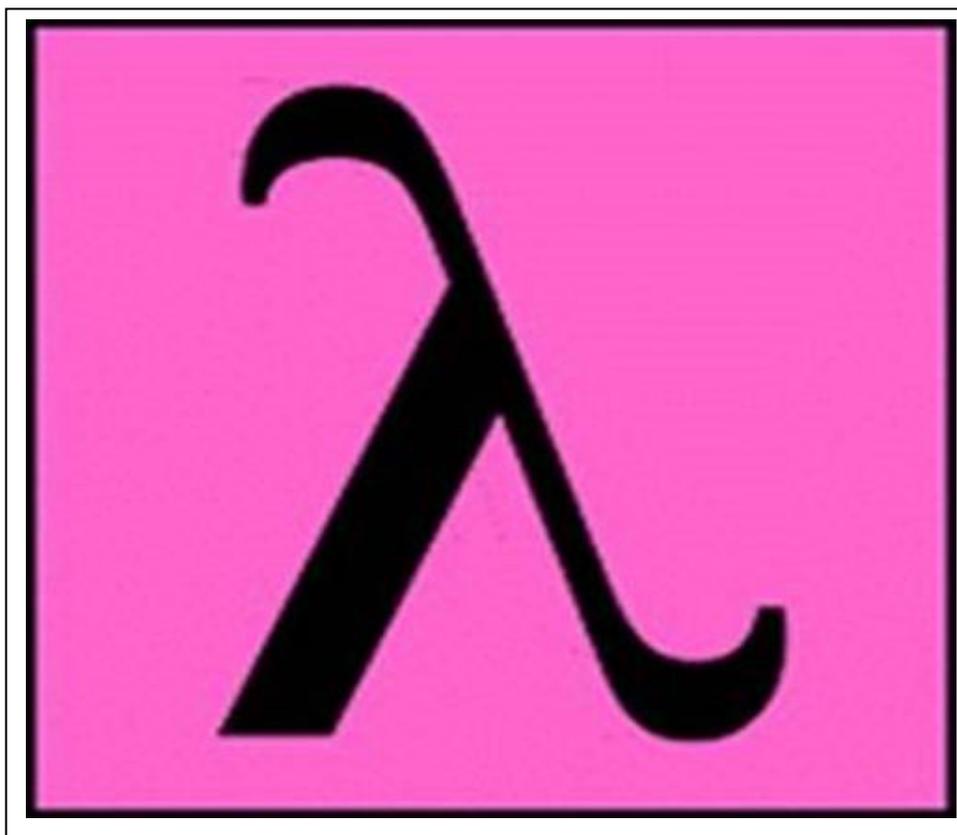
doença ou imoralidade. Além da violência física, que culmina com a morte, o preconceito dirigido as pessoas LGBT se dá de diversas formas a partir de grupos específicos que pregam a falta de liberdade e o desrespeito indo assim de uma maneira completamente contrária ao movimento LGBT. Essa situação é muito lamentável no mundo como um todo.

Quanto à metodologia empregada na pesquisa, trata-se de um estudo bibliográfico e qualitativo em que foi averiguada a situação da população LGBT em Moçambique, não generalizando a existência desta população assim auto-denominada para a totalidade do continente, a partir de bibliografia, do acompanhamento de grupos existentes nas redes sociais, especialmente no *Facebook* como a já citada Associação Lambda e demais associações a que tive acesso com base na etnografia virtual segundo Amaral (2010), Ferraz et al (2009), Johnson (2010) e Rüdiger (2012). Dito isto, passo à primeira parte deste TCC.

1 A ASSOCIAÇÃO LAMBDA DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

1. 1 Um nome, um símbolo, uma luta

Antes de iniciar sobre a Associação Lambda, cuja página na internet pode ser visitada aqui: <http://www.lambdamoz.org>, farei uma breve história do seu nome, explicando o porquê da escolha da letra *Lambda*, que é a primeira letra do alfabeto grego. Esta letra foi escolhida, pela *New York Gay Activist Alliance* [Tradução livre: Aliança de Ativistas Gays de New York], em 1970, como símbolo do movimento gay. A letra foi usada na bandeira de guerra por um pelotão de guerreiros gregos mais velhos que eram acompanhados na batalha por seus jovens amantes e este pelotão demonstrava impetuosidade e desejo de lutar até a morte.



Letra Lambda do Alfabeto grego

Na atualidade, e dentro das questões ligadas ao movimento e à população LGBT em países do continente africano, a Associação Lambda (doravante chamada apenas de Lambda) é uma organização não governamental de cidadãos e de cidadãs moçambicanos e moçambicanas que lutam pelo reconhecimento dos direitos de pessoas LGBT naquele país. Atualmente é presidida por Danilo Silva e foi fundada em 2006 como fruto de uma reflexão profunda sobre a situação dos LGBT na sociedade moçambicana. A Lambda fica situada em Maputo, porém sua atuação se estende também para as províncias de Sofala, Zambézia, Nampula e Cabo Delgado, estando, neste momento, em fase de identificação de pontos focais nas demais províncias daquele país.

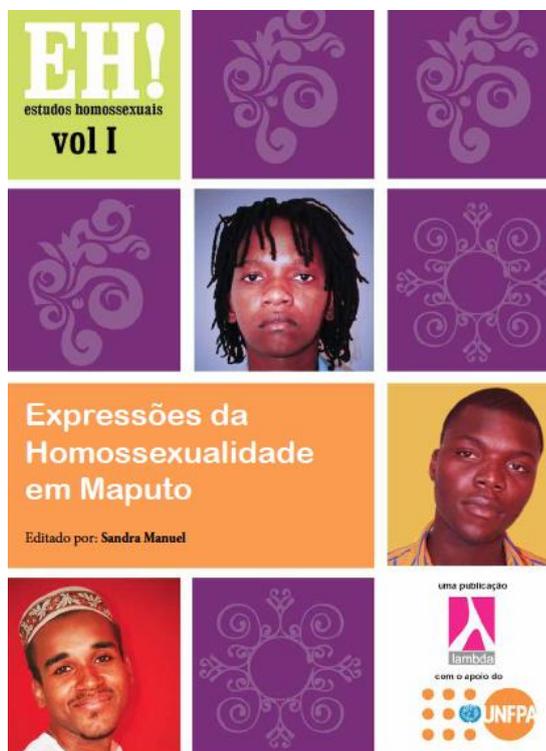
Desde 2007, a Lambda recebe apoio da embaixada da Holanda através da HIVOS, que atua como financiador e costuma cobrir os custos institucionais na província do Maputo. Em 2010, a HIVOS se retirou do país e muitos dos seus parceiros foram encaminhados para a OXFAM, que não se trata de financiamento de um projeto em específico, assim como outros parceiros financiadores no programa integrados com AGI, que se trata de todas as áreas programáticas do plano estratégico e seus respectivos custos administrativos. O pagamento

dos salários, da sede e de algumas províncias Maputo, Beira, e Nambula, que se concretizou em 2011 com a assinatura do contrato de financiamento no primeiro semestre de 2012. Também faz intercambio e acordo com outras organizações, como no caso do OXFAM, existente em Moçambique, e que fortalece a sociedade civil de forma ampla para permitir que as pessoas saibam defender os seus direitos, fazer advocacia para defender a justiça social e a elaboração e implementação de políticas públicas. A Lambda trabalha com os métodos seguintes: documentação relevante, relatório de atividade, planos estratégicos, materiais informativos e educativos, produzindo folhetos, manuais, programas radiofônicos e relatórios de estudos realizados, inclusive monografias temáticas.

A Lambda fez uma análise da situação das minorias sexuais para a elaboração do seu plano estratégico para o quadriênio de 2012 a 2016. Esta análise envolveu vários autores na área dos Direitos Humanos, da diversidade sexual e envolveu os membros da própria Lambda. A análise concluiu que o contexto sócio-político na região Austral não é em nada favorável à livre expressão das minorias sexuais. A Lambda apresentou o seu pedido de registo de associação junto ao governo moçambicano em 2008 e, apesar de ter preenchido os requisitos necessários, que são - ter endereço fixo e electrónico conhecidos e ser frequentemente convidada para participar em encontros com organizações governamentais - não tem alcançado êxito no registo o que gerou uma campanha nas redes sociais intitulada “Registe Lambda”.

O facto da LAMBDA não estar registada legalmente coloca a associação numa situação muito vulnerável, pois a qualquer pretexto pode-se alegar que a associação é ilegal e por isso ficar impedida de exercer atividades no país. Além disso a falta de registo limita a autonomia financeira da associação pois sem o registo não é possível abrir conta em bancos nem fazer qualquer outra operação financeira. A Lambda depende da simpatia e da boa vontade de organizações parceiras legalmente constituídas que recebem e repassam o financiamento para ela. Em linhas gerais, a Lambda tem tentado desenvolver os direitos da população LGBT em Moçambique, pois, independentemente de identidade de gênero e orientação sexual, a população LGBT também têm direitos assim como qualquer cidadão. No próximo tópico deste TCC apresento alguns produtos e ações desenvolvidas pela Lambda.

2 DISSERTAÇÕES: EXPRESSÕES DA HOMOSSEXUALIDADE EM MAPUTO



2. 1 De “Maria-rapaz” à lésbica: trajetórias identitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres, de Antônio Timba Martins.



Capa da dissertação

Como afirmei anteriormente, a Lambda dá origem há vários produtos que contextualizam a população LGBT em Moçambique. Dente os produtos destacam-se, no âmbito académico, a publicação de monografias, o que também colabora para um estudo sobre a diversidade sexual em Moçambique a partir da experiência e da prática das/dos moçambicanos e moçambicanas. No caso em que vou me deter, não se trata de monografias escritas por estrangeiras/estrangeiros, homens ou mulheres ocidentais, mas por homens e mulheres de Moçambique, portanto são escritas por pessoas que vivem e conhecem in loco a realidade sobre a qual escrevem, o que torna estas monografias diferentes em relação ao que já consta na bibliografia sobre o tema e a qual já fiz referência na introdução deste TCC.

Analisando de maneira tácita a obra – De “Maria-rapaz” à lésbica: trajetórias idenitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres – , de Antônio Timba Martins podemos perceber que o autor conseguiu fazer um trabalho minucioso em relação à homossexualidade feminina em Maputo, pois trouxe para seu trabalho experiências vividas, ainda na tenra idade, das mulheres, que, apesar dos factos sociais que as sociedades lhe impingem, sempre procuraram se auto-afirmar numa sociedade binária e heteronormativa. No que diz respeito ao papel dos pais, que percebiam que havia algo diferente em relação à forma de se brincar, eles sempre responderam a estas situações com uma carga cultural muitas vezes tradicional ou com fundamentalismos religiosos. Analisando nestes moldes, ficam evidentes e explícitos os desafios destas mulheres na busca por informação. De “Maria-rapaz a lésbicas”: estas são as trajetórias idenitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres. A afirmação da identidade sexual talvez seria o maior problema enfrentado por estas mulheres, pois os seus pais não sabem como lidar com as filhas, por não estarem preparados para tal.

Aos pais, segundo Martins, a orientação sexual das filhas causa uma espécie de frustração desesperada. Se a afirmação da identidade sexual por um lado causa “danos” para os pais, o reverso da imposição social e familiar entristece as mulheres que não se sentem espelhadas naquilo que lhes impigem. A imposição, muitas vezes, ao meu ver, levaria a um certo sofrimento. O que pode ser percebido no uso das vestes. Algumas vestiram saias quando crianças por obrigação dos seus pais, mas dizem que não se sentiam confortáveis nesse traje. O autor traz as mesmas observações quanto ao ciclo de brincadeiras, pois há uma tendência e definição das atividades para as meninas que não podem brincar com armas, fações e coisas

do gênero, entendidas como dos meninos; ao passo que, os meninos não podem brincar com bonecas e muito menos de brincar de ser uma mãe, pois os papéis de gênero são definidos pela heterossexualidade, que, no caso, é compulsória (RICHIE: 2010), ou seja, obrigatória e presumida.

Em alguns casos, quando se encontravam nas brincadeiras com outras meninas como é o caso de “tchotchothou³”, uma brincadeira na qual as meninas desempenham o papel de “mãe” e os rapazes de “pai”, elas invertiam os papéis porque se sentiam confortáveis desempenhando o papel dos meninos. O mesmo se aplicava quando se tratava de brincar “chitchuketa”, a brincadeira de saltar a corda, muitas vezes elas preferiam ficar com os rapazes a jogar a bola. Várias vezes aconteciam casos deste gênero em que as brincadeiras eram divididas entre meninas e meninos e, por sua vez, estas mulheres situavam-se no lado das brincadeiras que eram desempenhadas pelos meninos.

No que tange ao vestuário este é uma outra vantagem *ou desvantagem* encontrado pelas meninas neste processo, pois o binarismo de gênero deixa claro o formato de roupas para mulheres e homens, mas o autor nos mostra isso com maior riqueza, pois, como se pode notar, este grupo de mulheres desde a infância teve gosto pelas brincadeiras consideradas “masculinas” como jogar futebol. A sua maneira de vestir também era tendencialmente “masculina” embora certas vezes criassem conflitos com os seus pais. Apesar de gostarem de roupas vistas como “masculinas”, estas não deixam de ser mulheres, elas têm somente um estilo de vida que lhes é característico. Isto nos levaria ao ponto mais crucial, porque a roupa causa conforto ou não, eu devo ter o direito de vestir aquilo que me deixa bem confortada, o que não constitui a causa nas situações que temos em análise.

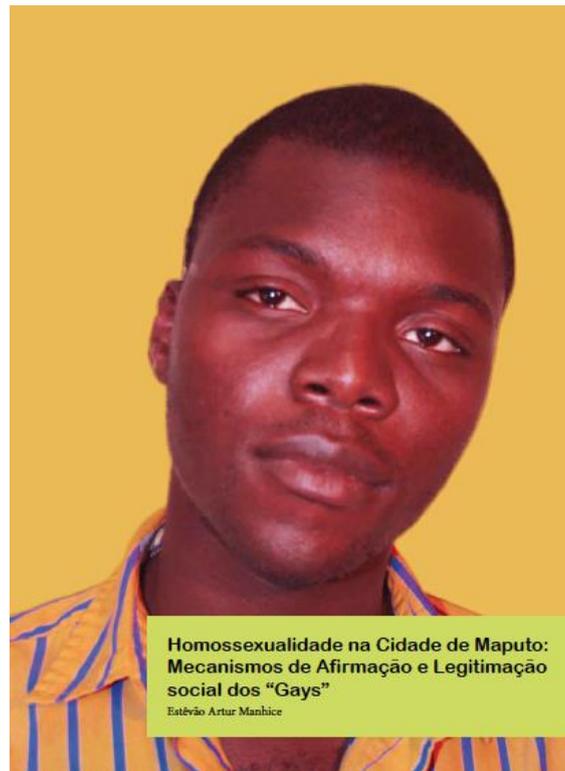
O facto de a família estar baseada na visão de que as meninas têm que se vestir de uma forma “feminizada” entrava em choque com os desejos destas mulheres (que nessa altura eram crianças) sobre a forma como deviam se vestir. Este aspecto gerou um conflito entre os pais e as filhas, mas, passado algum tempo, elas referem que os seus pais foram aderindo a sua forma e desejo de vestir como algo da idade e que com o tempo mudaria, por um lado. Por outro lado, os pais aceitavam como uma forma de incentivá-las para irem à escola, e assim, os pais aderiram ao tipo de indumentária das suas filhas porque algumas vezes choravam para irem à escola trajadas de saia.

“Tchotcho” é categoria de brincadeira onde na maioria das vezes os meninos costumam brincar de pai e as meninas de mãe. Acontece que, por vezes, existem as meninas

querem brincar de pai e não da mãe, e nem sempre conseguem, pois na maioria das vezes não têm permissão, no seio familiar, com toda situação de binarismo cerrado, da imposição da sociedade de um certo maniqueísmo, a situação fica tensa, pois os pais devido não estarem preparados e a ausência de um entendimento mais humanista e menos sexista deveriam prezar pelo conforto das filhas, pois não lhes causaria danos reais. A criação de rede social seria umas das formas encontradas por esses grupos de mulheres marginalizadas de se organizarem para fazer face à dura realidade. Elas buscam através de laços construir novas possibilidades de vida com base no compartilhamento das experiências de solidariedade.

Como se pode notar, este grupo de mulheres mostra que desde a infância teve gosto pelas brincadeiras consideradas “masculinas” como, por exemplo, jogar futebol. A sua maneira de vestir também era tendencialmente “masculina” ainda que, em certas vezes, criassem por isso conflitos com os seus pais. Apesar de gostarem de roupas vistas como “masculinas”, estas não deixam de ser mulheres, somente tem um estilo de vida que lhes é característico, de salientar que estas mulheres precisavam se organizar para fazer foco aos rótulos tipo “Maria rapaz” e no momento que estas mulheres buscam se afirmar durante eventos político essas geralmente buscam levantar bandeiras e acionar mecanismo de combate ao preconceito. É no contexto do movimento político que se passa a reivindicar uma identidade que é produto da orientação sexual destas mulheres e assim, elas se rotulam como “lésbicas”. Para estas mulheres, as discotecas são espaços de privilegio, pois sempre é um espaço de diversão e novas aberturas, como afirmou o autor, pois buscam fazer novas amizades, conhecer outras mulheres e criar laços afetivos. Com base na leitura que fiz, conclui que ainda há barreiras neste caminho de orientação sexual o que impõe desafios. Busco compreender nas minhas leituras como problematizar tudo que li no texto de modo com a exposição do autor. Mais adiante com base nas leituras pretendo me debruçar mais sobre. Agora, passo a analisar a segunda monografia.

2.2 Homossexualidade na Cidade de Maputo: Mecanismos de Afirmação e Legitimação social dos “Gays”, de Estêvão Artur Manhice.



Parto da compreensão de que, ao longo da vida, os seres humanos são dotados de valores, crenças, culturas, hábitos, etc. O que nos torna indivíduos e membros da sociedade e de sociabilidade são as nossas peculiaridades e singularidades como também aquilo que aprendemos com os grupos dos quais fazemos partes nas diferentes etapas da vida: a família, a vizinhança, a escola, o trabalho, as igrejas, a universidade, etc. Peculiaridades estas que vem desde a liberdade na escola, na religião, no esporte e por que não também na vida sexual, amorosa. Porém, é quanto à orientação sexual que surge o problema. Afinal, como salienta Manhice, a sociedade está organizada a partir das estruturas acirradas como: igreja, escola, e instituições. Estas são binárias e heteronormativas compulsoriamente (RICH, 2010). Estas instituições têm trabalhado e vem trabalhando no sentido de reforçar o bloqueio, de oprimir e excluir a quem não se comporta e se ajusta nas suas “panelas”, ou seja, nas suas regras. Comportamentos estes que têm proporcionado um ambiente de exclusão daqueles, no caso específico de homens gays, que sentem prazer de outro modo.

Como e outros países, no Brasil inclusive, Moçambique também é palco destes tipos do comportamento com aqueles que não se encaixam no binarismo social, que não regulam o sexo como sendo a expressão do desejo unicamente entre homem e mulher. Dentro deste ambiente, que acirra o que é ser homem e mulher, a afirmação social torna-se uma tarefa

complicada considerando a pluralidade sem julgamento de valor, palavras que usadas pelo autor chamam atenção para a liberdade e multiplicidade em nossa vida: religiosa, afetivo-sexual entre outras. Em Moçambique, particularmente a Lambda, tem trabalhado como consubstanciadora das pessoas desamparadas pelo fechamento social, dando amparo e possibilidade de encontrar um espaço dentro da sociedade que lhes satisfaz. Em favor do lado que busca explicar o que é orientação sexual, ou seja, a forma como sinto prazer, que não coloca em risco a vida alheia de ninguém e que não deve ser diabolizada pela “norma padrão” que, ao meu ver, demonstra que está preocupado apenas com o “ato sexual”, deixando de lado o humano.

Sousa Filho afirma que “por força do preconceito entre os homossexuais, por exemplo, há aqueles que permanecem escondidos, clandestinos, reprimidos, no ‘armário’ (como ressalta a gíria ‘gay’), enquanto há outros, e hoje, cada vez mais, que procuram assumir sua sexualidade, de maneira pública e política” (2007, p.14). Sousa Filho (2007) ressalta ainda que a afirmação de uma identidade homossexual é também uma questão política de desejos e de direitos. A discussão em torno da sexualidade tem sido marcada pela confrontação entre duas posições: o essencialismo e o construtivismo social. Analisando o texto de Manhice, podemos constatar as experiências de jovens que acabam por “sair de lugar” num bom sentido e afirmar as próprias vontades de desejo sexuais. Em relação ao grupo de estudantes, é necessário reiterar que o estudo constatou que os gays são homens de diferentes origens sociais, com família, amigos (homossexuais e heterossexuais), trabalhadores, uns vivem na zona urbana, e outros nos arredores de Maputo, de diferentes faixas etárias, o que faz com que relativamente a análise das trajetórias sexuais, entre os dados recolhidos, a diversidade seja elemento que caracteriza os gays.

O estudo constatou que em alguns casos, e ao longo do seu percurso, os informantes tiveram experiências heterossexuais, embora não as tenham considerado significativas quando comparadas suas experiências homossexuais como nas seguintes descrições:

(...) Minha primeira experiência sexual foi com heterossexual (...) foi sexo vaginal (...) como homossexual descobri que em vez de sexo anal, existe uma pluralidade de formas de sentir prazer (...) existe sexo oral, aprendi muita coisa, como mudança de posições práticas sexuais diferentes (...)...sexo com homem e com mulher não é mesma coisa, é muito diferente (...) sexo com homem sinto mais livres mais solto e desimpedido, com mulher acho que me sentia mais limitado. Desde que descobri minha orientação homossexual, nunca mais me relacionei com mulheres (...) 33 anos, estudante da universidade pedagógica. (Manhice, 2012, p. 59-60).

Por outro lado, podemos encontrar algumas similaridades em relação ao momento em que os informantes começaram a encarar com frontalidade a sua orientação sexual, como sustenta a abordagem trazida por Costa (1994, p. 90) quando afirma que “a certeza da homossexualidade só estará clara dentro do homem após os primeiros anos de juventude”. O rapaz homossexual dá então outros passos: explicitar e concretizar a sua orientação afetivo-sexual. Ele começa a ser explicitar enquanto homossexual, para si mesmo, a partir do desejo por outros rapazes. Costa (1994, p. 90) afirma que:

Para se aceitar homossexualmente, o homem passa por um momento, o sentir-se diferente, a começar a dar um sentido sexual a essa diferença, o reconhecer-se como homossexual, por meio de papel afetivo sexual como outros, finalmente o aceitar esses sentimentos e esse modo de vida. (...) desde criança que sou assim, eu sempre gostei de homens (...) mas foi na adolescência que assumi que o meu negócio não era com mulheres, mais sim homens... 19 anos, estudante do colégio Rei de Maputo.

De acordo com as informações que podemos apurar de alguns dos informantes de Manhice, a sexualidade não pode ser entendida como pratica de relações sexuais porque esta pode não ser prioritária para a sua vida, ela é considerada mais um aspeto da multiplicidade de fenômenos que corporizam suas atividades rotineiras como ilustra a descrição abaixo referenciada:

(...) o sexo para mim está no terceiro plano (...) primeiro é o meu estar (...) sexo não é tudo é uma necessidade biológico, mas não é prioritário (...) até posso me arriscar a dizer que para mim numa relação sexo é algo completamente(...) “33 anos estudante da universidade pedagógica. (2012, p. 61).

Se por um lado a descoberta sexual foi fácil por outro a sua afirmação constitui um problema presente, a luta contra a estigmatização homofobia e desrespeito constituem uma barreira para jovens moçambicanos que não se sejam no binarismo e um sistema fechado como ensinado pela igreja reforçada pelas instituições públicas: estas questões podem ser explicitados a partir da ideia trazida por Paim e Bernardes (1997) quando afirmam que a percepção da homossexualidade, tanto no espaço público como no espaço privado, agride a cultura homofóbica e heterossexual em que vivemos onde auto afirmar-se como *gay* ou como *lésbica* é no mínimo, um desafio ou um desacato. Sanders (1997) postula que “a homofobia diz respeito a sentimentos negativos frente a pessoas homossexuais ou diante do

conhecimento de que outras pessoas são «gays» ou «lésbicas»” (Sanders apud Paim e Bernardes: 1997, p. 242).

O heterossexismo se refere à crença, mantida culturalmente, de que o amor entre homens e mulheres é a única forma possível de vivenciá-lo”. Nestas circunstâncias, «gays» e «lésbicas» são proibidos de se tocarem, se abraçarem e se beijarem. São proibidos de expressarem de forma espontânea o seu sentimento amoroso na presença de outrem, particularmente quando se trata do espaço público. Por Moçambique ser uma nação nova, com ainda vários problemas sócios de ordem cultural e étnica o espaço para um discurso como a que temos fica complexo mais que deveria-se considerarmos a entrada das igrejas evangélicas brasileiras de cariz norte-americana, que aproveita a fragilidade econômica e financeiras das populações nativas para fazer destilar seus ódios e intolerância contra os gays. Como isso, o terreno se torna mais propício aos estigmas e ataques contra um direito humanos que ainda são negados. Passo agora à análise de mais um produto da Lambda.

3 ESTUDO DE CASO



O objetivo deste estudo é documentar e divulgar as boas práticas da Lambda e ações para governação inclusiva e responsável (AGIR) implementado pela OXFAM que não se trata de financiamento de um projeto em específico, assim como outros parceiros financiadores no programa integrados com AGIR, que se trata de todas as áreas programática do plano estratégico e respectivos custos administrativos. Em Moçambique, o estudo abrange a capacitação e desenvolvimento institucional na área da diversidade e promoção dos direitos das minorias sexuais e as principais autoras e interessados na associação e na temática da diversidade sexual. Para recolher informação foram utilizadas três técnicas: 1. leitura de documentação relevante; 2. entrevistas individuais; 3. entrevista em grupo como são especificadas abaixo:

1. Documentação relevante, relatório de atividades, planos estratégicos, materiais informativos e educativos produzidos (folhetos, manuais, programas radio fónicos) e relatórios de estudos realizados.
2. Entrevista individuais com gestores e técnicos da lambda.
3. Entrevista individuais com membro da Lambda de ambos os sexos

4. Entrevista individuais com gestores e técnicos de organizações parceiras.
5. Entrevista em grupo com agentes comunitários da Lambda.

A descrição do estudo de caso quanto ao seu objetivo é o financiamento que a Lambda recebe da OXFAM que não se trata de financiamento de um projeto em específico, assim como outros parceiros financiadores do programa AGIR que tem a finalidade de reforçar a capacidade institucional da organização para promover e defender os direitos cívicos e humanos das minorias sexuais em Moçambique. A OXFAM não financia um projeto em específico, assim como outros parceiros financiadores a OXFAM que contribuem para fundo comum através do qual a Lambda implementa o seu plano estratégico do período de 2012 a 2016 e que contém cinco áreas estratégica, nomeadamente:

1. Legislação e direitos humanos.
2. Saúde e HIV.
3. Comportamento, práticas e atitudes.
4. Apoio e mitigação de mitigação de impacto.
5. Desenvolvimento organizacional.

Dito isto, passo à análise de mais um produto midiático produzido pela Lambda.

4 JORNAL AS CORES DO AMOR



cores
O JORNAL DA COMUNIDADE LGBT MOÇAMBICANA

EDIÇÃO Nº 11

EDITOR: DANILO DA SILVA
MAPUTO, AGOSTO 2013, ANO IV
WWW.LAMBAMOZ.ORG

**MAIS ALTO
MAIS FORTE
MAIS LONGE
MAIS VISÍVEL**

ASSUMIR A HOMOSSEXUALIDADE
NO DESPORTO

SEIMONE AUGUSTUS
(CAMPEÃ OLÍMPICA)

DIVERSIDADE
MARCOU O DIA DO
ORGULHO GAY 6

**SAÚDE MENTAL E
HOMOSSEXUALIDADE 18**

**"QUEM SOU EU PARA JULGÁ-LA?"
DECLARAÇÕES DO PAPA CONVER-
GEM OPINIÕES 9**

**SEXO SEGURO ENTRE
MULHERES
LÉSICAS 20**

uma publicação

lambda

Passo agora a analisar o jornal *As cores do amor*, cujo nome foi retirado da obra de Marc Epprecht (1998). O jornal, publicado pela associação Lambda, tem distribuição gratuita, e seus objetivos são: educar e informar a comunidade LGBT de Moçambique sobre assuntos e acontecimentos que os afetam, educar e informar o público em geral. O jornal pretende também contribuir para quebrar as barreiras do preconceito e promover o conhecimento, a compreensão, a tolerância, o respeito e a convivência dentro da comunidade e na sociedade moçambicana. No momento da escrita desta monografia, o jornal contava com voz de Maputo

números editados. Existem números que fazem cobertura de reportagens culturais e trazem poemas, entrevistas e divulgação de eventos para a população LGBT.

Analisei mais detidamente algumas edições do jornal, que está dividida por secções. Nela, há secções de artigo, de notícias, de depoimento, de questões da saúde para gays e lésbicas, e de orientação para pais e amigos. O título do artigo principal está em parte em língua inglesa. “O mito: *Real Africans are exclusively heterosexual by nature...*”. O artigo é de cunho histórico e explica como o trabalho de alguns pesquisadores e missionários criou e difundiu estereótipos de que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram em diferentes culturas africanas e que “sendo África o berço da humanidade, é provável que o primeiro homossexual tenha sido africano. Ao proceder dessa forma, o editorial contrapõe a visão massificada no seio da sociedade moçambicana de que a homossexualidade é algo exógeno ao continente africano.

Em seguida vem uma notícia intitulada “Nova Lei do Trabalho inclui proteção de trabalhadores contra a discriminação na base da orientação sexual, mas...!”. Na notícia, é feita uma reflexão sobre a nova lei do trabalho que, no seu artigo 4, estabelece o princípio da não discriminação em razão da orientação sexual. Na página 4 do primeiro número do jornal existe um depoimento de autoria de Carmem Elsa que narra a sua experiência como lésbica, desde a sua infância, os tipos de atividades que tinha gosto em executar, a descoberta das práticas homoafectivas, os estigmas e as estratégias de superação. O depoimento da Carmem é estratégico, pois visa persuadir as mulheres que fazem sexo com outras mulheres a se reconhecerem como lésbicas e, com isso, ultrapassarem o preconceito e assumirem a sua sexualidade com normalidade.

A segunda edição do jornal, lançada em setembro de 2007, destinada à questão de assumir a homossexualidade apelando para o que convencionalmente os movimentos LGBT chamam de “sair do armário” define se o armário como “lugar sombrio e deprimente, aquele mundo de faz-de-conta onde os homossexuais se saíram, uns amarrados pela incapacidade de vencer os seus próprios receios, a maioria vergada pelo peso dos preconceitos e das expectativas sócias”². Em seguida, enumeram-se os dez passos para assumir a homossexualidade, em particular as ideias de revelar a sexualidade para amigo ou família. Entretanto faz-se a seguinte ressalva. Chamar os seus amigos e familiares deixassem clara que ele é homossexual.

² Parte retirada do editorial do jornal.

Os membros do corpo editorial do jornal recusam a associação da homossexualidade como distúrbio mental ou uma escolha dos indivíduos e defendem que existe uma predisposição inata para a sexualidade. Conforme MacRae (1990, p.79) “explicar a homossexualidade como uma essência pré-determinada do indivíduo encontra muitos ecos no meio homossexual”. Pesquisa antropológicas como as Fry e MacRae (1985), MacRae (1990) e Simões e Facchini (2009), argumentam que a concepção do ativismo LGBT defender insistentemente que a orientação sexual é uma condição da pessoa, tem um sentido político e estratégico na política da identidade, e encontra base no modo como muitas pessoas relatam sua experiência.

Assim, a homossexualidade é natural, pois do mesmo jeito que nasce uma pessoa hetero nasce um homossexual. A homossexualidade não é escolha ou opção. Por acaso os heterossexuais escolheram ser heterossexuais? Ninguém escolhe ser homossexual diante do que ser homossexual representa na prática e na vida social cotidiana. Quem escolheria ser agredido? Quem escolheria ser apedrejado? É uma orientação que nasce com a pessoa. Então a homossexualidade não é doença, é algo tão natural, tanto quanto gostar de doce ou salgado. A homossexualidade segue com a pessoa, a desenvolver-se com ela de tal forma que desde criança, desde que a pessoa se conhece como gente, ele já era homossexual, sente atração por pessoa do mesmo sexo. O que se escolhe é se assumir publicamente ou não a sua orientação. O jornal trata de diversas questões e algumas delas são tratadas também nas redes sociais, como por exemplo na página da LAMBDA no *Facebook*, que analisarei a seguir.

5 PAGINA DA LAMBDA NO FACEBOOK



A página da Lambda no *Facebook* passa diversas informações sobre a população LGBT moçambicana como, por exemplo, a discriminação sexual, que constitui um determinado comportamento discriminatório dirigido às pessoas com base na sua orientação sexual, a homossexualidade, a bissexualidade e outras orientações sexuais. A heterossexualidade não é de discriminação uma vez que a sociedade é heteronormativa. Na base da discriminação está o preconceito, ou seja, a ideia preconcebida e manifestada geralmente na forma de atitude discriminatória. Em contrapartida, a cultura gay corresponde à partilha de níveis de significado particulares e por um estilo de vida que correspondem a uma vivencia indenitária traduzida pela expressão ser gay. A cultura gay engloba um conjunto de símbolos, ideologias, valores e uma identidade comum.

Os assuntos diversos são postados a partir de ocorrências cotidianas e do que repercute nas mídias como um todo. Em uma postagem, por exemplo, Frank Ocean diz que Prince o ajudou com a sua sexualidade. O cantor norte-americano Frank Ocea, assumidamente

bissexual, fez um post emocionado em sua conta a respeito do cantor Prince, que morreu no último em Abril de 2016. Ocean escreveu que, ainda que Prince tenha sido heterossexual, ele ajudou o interprete de *hip-hop* a encara sua própria sexualidade.

Entre muitas postagens distintas, que só vão aumentando com o passar do tempo, na sua página no *Facebook*, a Lambda repercute a negação do seu pedido de registo legal junto ao estado moçambicano, assunto do qual tratei acima. São várias postagens neste sentido. A constituição da República de Moçambique no seu artigo 35 declara direitos iguais para os cidadãos. Como aponta Manuel (2012), na legislação moçambicana, inexistem entraves explícitos sobre a homossexualidade, porém Canuma (2011), explica que a expressão orientação sexual na constituição de Moçambique se encontra implicitamente pelo âmbito da norma que defende a igualdade dos cidadãos. No entanto, mesmo com a ausência de um entrave legal contra homossexuais, até o momento de escrita deste TCC a Lambda continuava sem registo desde 2008.

Ainda assim, o Ministério da Justiça veda o registo legal da associação alegando que a homossexualidade é exógena aos hábitos culturais e viola os preceitos religiosos. Em artigo de jornal que ocorreu no dia 09 de Janeiro de 2016 de Alfredo Manjata ele explica que a falta do pronunciamento do governo sobre o registo da Lambda há mais de oito anos viola artigo 10 (princípio da decisão) das normas de funcionamento da administração pública que no seu ponto número 1 estabelece que os órgãos da administração pública devem decidir sobre todos os atos que lhe sejam apresentados pelos particulares. No contexto moçambicano do ponto de vista jurídico legal, a lei do trabalho é único dispositivo legal que protege o trabalho homossexual, pois não se proíbe a discriminação da pessoa pela sua orientação sexual. A este respeito, a Lambda produziu uma pesquisa intitulada “ Discriminação por orientação sexual nas relações laborais na cidade de Maputo”³.

Além disso, é possível na página da Lambda no *Facebook* tomar conhecimento de outros temas e questões sobre a população LGBT moçambicana como por exemplo o cotidiano de como é ser gay no país. Como diz Daniel Mate a respeito:

Devido a homofobia, as experiências de vida narradas na primeira pessoa por cidadão homossexuais continuam ainda escassas em contextos adversos a livre expressão das identidades de gênero e orientação sexual. Ao mesmo

³ Fonte: <http://www.lambdamoz.org/index.php/recursos/publicacoes/11-discriminacao-por-orientacao-sexual-nas-relacoes-laborais-na-cidade-de-maputo/file> Acessado em: 15. 10.2016

tempo, há os que de peito aberto enfrentam as adversidades e rompem com a invisibilidade forçada de uma comunidade estigmatizada, vivendo de forma aberta a sua orientação sexual, como também dando a conhecer as suas experiências de vida, ajudando, assim, a diluir a concepção generalizada e estereotipada gerada a volta da homossexualidade e dos próprios homossexuais. Foi na esteira do auto aceitação desafio de ser homossexual em Moçambique que o ativista LGBT, Daniel Mate, um homem que vive a sua orientação sexual de forma aberta, partilhou a sua história. Daniel Mate membro da comunidade LGBT lesbica Gays, Bissexual e transexuais, que por reconhecer a crucial idade desta seção. Na primeira pessoa, para comunidade de que é membro e não, partilha com o os nossos leitores a sua história de auto-acertação e desafio de ser um homem Gay num país em que o preconceito e a discriminação ao contra homossexuais são ainda uma realidade no quotidiano destes cidadãos moçambicanos”. (Página do *Facebook* da Associação Lambda 2011).

Daniel Mate é um estudante *gay* do curso de Psicologia, da delegação de Maputo, e natural de Maputo, residente no bairro de Ferroviário, e a semelhança de muitos moçambicanos é oriundo de uma família humilde de tradição religiosa e é único homem de quatro irmãos. Ainda segundo ele: “Ser homem Gay em Moçambique não é fácil. Existem ainda muitas barreiras, o preconceito e a discriminação no seio familiar, no grupo de amigos, na sociedade no geral são ainda o maior desafio”⁴. Para o Daniel, embora a homossexualidade não seja crime em Moçambique, nunca se está à vontade porque há sempre receio de qualquer coisa:

São barreiras que muitos homossexuais vivem e sempre tem no dia-a-dia, é muito difícil abrir-se e dizer eu sou homossexual. Eu enfrentei essa luta. O Primeiro contato com Daniel com a LAMBDA foi numa festa da comunidade “Manas party” que até hoje a LAMBDA organiza, onde a comunidade LGBT encontrar-se para confraternizar e reforçar os laços de organização entre seus membros, de modo a fortalecer o sentimento de pertença da comunidade arco-íris. (Página do *Facebook* da Associação da Lambda 2011). (Idem)

⁴ Fonte: <http://www.lambdamoz.news/nao-eh-facil> Acessado em: 08.08.2016

“

Existem ainda muitas barreiras, o preconceito e a discriminação no seio familiar, no grupo de amigos, na sociedade no geral...



Da página da Lambda no Facebook

A postagem de Daniel recebeu muitos comentários, tanto de quem reprova a homossexualidade, sempre usando argumentos religiosos, essencialistas, ou de determinismo cultural, e de quem aprova e respeita a orientação sexual de cada pessoa.

Apesar das dificuldades, do silenciamento e da invisibilização há um crescimento e um movimento dinâmico de pessoas e instituições que se denominam como LGBT a surgir em vários países. Com objetivo de realizar as atividades implementadas a nível das suas delegações provinciais, a equipa de monitoria da Lambda, liderada pela oficial Fauzia Mangore, realizou durante 10 dias (20 a 30 de Abril do ano 2014) visitas as cidades de Beira, Tete, Quelimane onde, de acordo com a oficial, “a comunidade LGBT continua a crescer e a alcançar resultados animadores ao nível do país”, para além disso inteirou-se também sobre o estágio das atividades dos agentes ao HIV no seio da população de homens que fazem sexo com homens (HSH), implementado pela LAMBDA em 8 províncias do país financiado pelo Fundo Global, de acordo com Fauzia Mangare, as visitas foram “excelentes, pois não só permitiram fazermos uma análise as atividades que temos estudo a implementar desde o início

do ano. Mas também permitiram refletir sobre as estratégias necessárias a adoptar para melhorar ainda mais as nossas intervenções junto dos benefícios sociais.

Uma outra postagem na página do Facebook é sobre a visita que o embaixador dos Estados Unidos da América para Moçambique, Deram Pittman, no dia 22 de Abril de 2016 fez ao escritório da Lambda, naquela que foi a sua primeira visita de trabalho a província de Nampula com objetivo de inteirar-se sobre os impactos do “VIDAS” interagiu com os membros da comunidade LGBT e também ficou a saber dos desafios enfrentados naquele ponto do país. Durante a visita, Deram Pittman fez-se acompanhar pelo diretor do CDC é uma organização do Estado Unido América que colaboram com Moçambique, em forma de financiar as escolas nacionais do Saúde, e Medicamentos. Edgar Monterroso que na ocasião ouviam testemunhos dos ativistas LGBT moçambicanos envolvidas nas atividades do projeto VIDAS que é financiado pelo plano de Emergência dos Estados Unidos para o Alívio da SIDA (PEPFAR), que visa fortalecer a resposta nacional contra HIV&SIDA entre grupos populacionais mais vulneráveis à infecção pelo vírus e também apreciaram uma exposição fotográfica sobre as atividades da organização. O projeto VIDAS é implementado na província de Nampula pela organização Pathfinder com a coordenação técnica dos contatos para a prevenção e controlo de doença dos Estados Unidos (CDC).

Outra postagem trata da ação a respeito do dialogo sobre homofobia e papel da igreja em África, que juntou religiosos, ativistas LGBT e a académicos na África do sul, que foi palco durante dois dias, 7 e 8 de Abril, de um diálogo que juntou cerca de 100 participantes representantes de congregação de defesa dos direitos de LGBT, académicas e outros atores da sociedade civil oriundos de 13 países. Este encontro tinha como objetivo refletir sobre o impacto da homofobia e o papel da Igreja em África. Durante dois dias em que decorreu o evento organizando pela *Theother Foudation* em parceria com a OSISA e o centro cristão de Kwazulo o debate estava contraído em diversas temas como a necessidade de se encontra uma linguagem comum entre as igrejas e as organizações LGBT com vista a combater a homofobia, como engajar a igreja na mobilização da sociedade para a promoção da tolerância, o impacto da homofobia e violência e ainda a necessidade de se abordar a respectiva moral ao se abordar sobre os direitos LGBT e centrar-se apenas na perspectiva de justiça direitos e igualdade social.

O evento foi marcado pela intervenção comovente do juiz do Tribunal Constitucional da África do Sul, Edwin Cameron, sobre a extrema violência perpetrada contra pessoas LGBT, em países africanos. Na sua intervenção Cameron falou sobre o bárbaro assassinato de Eudy Simelene, jogadora da seleção sul-africana de futebol feminino, encontrada morta, em Abril de 2008, num terreno baldio em Johannesburgo, violada sexualmente e esfaqueada por causa de sua orientação sexual⁵.

No evento também foi produzida uma declaração onde os líderes da igreja se comprometeram a curta e longo prazo mobilizar os dias de suas congregações para uma maior tolerância para com as pessoas LGBT, garantir uma maior participação e tolerância de cidadão LGBT nas igrejas, mobiliza seus pares e organizar conferências sobre os direitos LGBT. Para além da anfitriã África do Sul, também participam representantes do Quênia, Zimbabué, Malawi, Namíbia, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia, Noruega, EUA, Suíça e Reino Unido. Sobre a página da Lambda no *Facebook* a muito o que se falar, no entanto, o estudo desta página nas redes sociais demanda tempo, uma vez que as postagens são diárias e variadas, indo de postagens de cunho mais sociais e ativista até mesmo diversional como encontros, festas, etc.

Além do Facebook, a Lambda investe em mais uma mídia, desta vez no rádio como um meio que faz chegar a diversas partes do país a informação sobre a população LGBT. Trata-se de um programa de rádio chamado Café púrpura. No tópico seguinte deste TCC passo a analisa-lo.

⁵ Sobre a morte Simelane: <https://www.theguardian.com/world/2009/mar/12/eudy-simelane-corrective-rape-south-africa> Acesso em: 10.11.2016

6. PROGRAMA DE RÁDIO CAFÉ PÚRPURA

LambdaMozi
25 de agosto às 05:15 · 🌐

JÁ ESTAMOS NO AR COM O NOSSO CAFÉ PURPURA EM MAPUTO!
Estamos de volta com o nosso CAFÉ PURPURA em Maputo, no canal 94.6 FM.
Acompanha a conversa sobre a importância da criação de ambientes inclusivos, com foco na família.... [Ver mais](#)

ESTAMOS NO AR EM MAPUTO!
Sintoniza 94.6 FM

café purpura #1

SWEDISH AMBASSAD
Köninkrijk der Nederlanden
OSISA
diferentes, mas iguais

O programa de rádio passa na internet com diferentes temas. Em Maio de 2009, no programa Debate da nação religiosa no Sócio Televisão (STV) o primeiro debate médico sobre homossexualidade em Moçambique, o programa teve audiência nacional, aberto para sociedade civil e era transmitido em direto. O painel do debate estava composto por um moderador, um integrante da associação Lambda, um psicólogo social, um jurista e um pastor. Entre os ouvintes existiam os que se posicionavam contra e os que apoiavam as relações homoafectivas e sexuais. Nos indivíduos contra, uns se baseavam em valores bíblicos religiosos, outros em valores culturais para desqualificar as relações homoeróticas.



LambdaMozi

9 de agosto às 06:20 · 🌐

Esta semana há mais CAFÉ PURPURA!

4a Feira, as 10h00 na 105.5 FM (Beira e Nampula) e 15h00 na 97.9 FM (em Maputo).

Poderás participar enviando mensagens por SMS ou aqui no Facebook. Esperamos por ti!



As percepções que se orientavam com base em princípios essencialistas ancorados na religião foram amplamente abordada por alguns líderes religiosos tais como, padre, pastor, e por ouvintes masculinos e femininos presentes no debate. Estes atores sociais argumentavam que os homossexuais são indivíduos pecadores que violam um dos princípios das doutrinas de Deus, pois a relação entre pessoas do mesmo sexo vai contra o “crescei-vos e multiplicai-vos”. Estas falas estão presentes também nos comentários sobre o programa na página da Lambda no Facebook, o que revela um cruzamento entre uma mídia e outra. As falas se multiplicam e recebem apoio ou *likes* de outros usuários e usuárias da internet. Para esse grupo de participantes a prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo nunca gera vida. Abaixo, transcrevi a fala de um dos participantes do debate no programa de rádio:

Na nossa cultura africana não se aceita essa perversão, as coisas sempre foram vista de uma forma linear, quando se trata de casamento entre dois homens é algo preocupante, as pessoas começam a questionar, há alguma lei que está sendo quebrada, que é a lei de Deus. Porque Deus em primeiro ao construir a família ele tinha em mente três questão: Comunhão, Santidade de vida e quando surgem essas situações em que, primeiro não vamos ter a multiplicidade, é verdade que ele terá afirmado que nem sempre se faz sexo com intensão de se multiplicar, mas isso é muito razoável, enquanto for um casal que faz planeamento devido a sua condição financeira e não alguém que se juntou com outro homem para simplesmente evitar a multiplicação da espécie humana, isto é, grave e, portanto é quebrar a lei divina. E todas as pessoas que quebram as leis física da natureza têm as consequências.

Da observação acima, nota-se que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são concebidas com exógenas à cultura africana, que são práticas sexuais improdutivas e em geral são práticas que se baseiam em lógicas que vão contra preceitos bíblicos. No debate também existiam líderes religiosos e ouvintes que relativizavam a questão da homossexualidade e homossexuais nas igrejas. Estes explicavam que a igreja respeita e aceita os indivíduos homossexuais o que ela condena são práticas do indivíduo.

Segundo elas e eles, a igreja acolhe o homossexual, mas não acolhe a homossexualidade, em outras palavras pode acolher o “criminoso”, mas não acolhe o “crime”. Transcrevo abaixo a fala de um participante do debate no programa de rádio:

Se tu és criminoso e vai à igreja, a igreja vai te dizer que chegaste na casa onde nós queremos que tu mude de vida, porque o crime é condenado nessa casa. A igreja não diz que se és homossexual e você chegou aqui há três semanas e não mudaste então vai embora, ela vai dizer-te lute para prosseguir o caminho correto. Quem comete a homossexualidade está a pecar, quem faz relação sexuais com pessoa do mesmo sexo, de acordo com a Bíblia comete pecado.

Esta narrativa explica que as relações entre pessoas do mesmo sexo são condenadas pela igreja, entretanto se estimula as pessoas a desenvolver fé para serem salvos dos seus pecados. Esta análise também consta no trabalho de Bagnol (1996, p.17), quando explica que no contexto de Moçambique entre os cristãos as pessoas que têm relações homossexuais não são condenadas, mas quem as criticava devido ao seu comportamento apelavam para o respeito dos valores culturais e defendiam que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo são inconsideráveis nos relacionamentos e exógenas à África e cuja existência resultou do contato com os estrangeiros europeus. Passo agora a analisar mais um documento da Lambda.

7. RELATÓRIO ATITUDES PERANTE A HOMOSSEXUALIDADE EM MAPUTO, BEIRA E NAMPULA.



Capa do relatório

Segundo o relatório:

A homossexualidade é histórica, genérica e social. Não obstante se tenha perpetuado através dos séculos e em todas as sociedades, a homossexualidade é um facto social que suscite debates, contraversões nas esferas político, jurídica, religiosa e social.

Além disso, o relatório afirma que:

Em diversos países do continente africano cresce o número de setores da sociedade que se têm mobilizado para compreender, elucidar e enfrentar as diversas formas de violência que afetam os homossexuais, além de incluírem a defesa e a promoção dos seus direitos sociais e legais de convivência das minorias sexuais.

Para o relatório:

Esses setores apontam os efeitos perniciosos aos quais as minorias sexuais estão sujeitas e as diversas formas de manifestação de violências e isolamento social. Nisso, Moçambique não foge à regra. A habitualidade em relação as pessoas que não sofreram a discriminação do mesmo sexo, a

homofobia ou a homossexual, tende ao recrudescimento. Trata-se de uma atitude que marca a orientação sexual não heterossexual como sendo inferior ou anormal. As pessoas que a praticam são consideradas como pecadoras, doente, delinquentes ou desequilibradas, chegando às vezes ao extremo de desposa-las de sua condição de seres humanos.

Os gráficos do relatório trazem esses dados de forma mais visível, dando uma melhor compreensão dos resultados, como no gráfico abaixo sobre a opinião em torno da homossexualidade na cidade de Nampula:

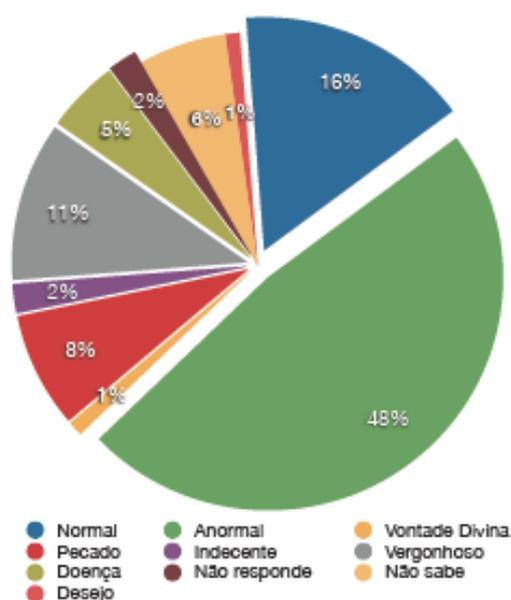


Gráfico 24: Opinião em torno da homossexualidade - Cidade de Nampula

Ademais, a homofobia expressa-se em diferentes formas ativas de violências física ou verbal, rejeição silenciosa e institucionalizada das pessoas, e em limitação do seu acesso a direitos, espaços reconhecimento, prestígio e poder (Guimarães, 2004, Camara et al, 2003, Ramos e Camara, 2003, Lacerda 2002). De igual modo, não se pode ignorar os atos de violência contra os direitos humanos. É neste contexto que se torna relevante a valor os conhecimentos, atitudes e práticas em torno da homossexualidade em três cidades de Moçambique que são Maputo, a capital do país, Beira e Nampula. Beira é uma cidade de Moçambique, capital da província de Sofala. A localidade tem o estatuto de cidade desde 20 de Agosto de 1907 e, do ponto de vista administrativo, é um município com um governo local

eleito. Beira é a segunda maior cidade de Moçambique, logo após a capital do país, Maputo, contando com uma população de 431.583 habitantes de acordo com o Censo de 2007. (3). E o Nampula, localizada a cerca de 2150 km a norte da cidade de Maputo, a capital do país. Nampula é uma província situada na região norte de Moçambique. A sua capital é a cidade Com uma área de 79 010 km² e uma população de 3 985 613 habitantes em 2007, esta província é a que está dividida em mais distritos, 23, e possui, desde 2013, 7 municípios: Angoche, Ilha de Moçambique, Malema, Monapo, Nacala Porto, Nampula e Ribaué.

O estudo abrangeu 950 inqueridos com idades superior de 18 anos, tinham por objetivo trazer evidências para melhor orientarem as ações de informação, educação e sensibilização da sociedade moçambicana com vista ao alcançar de uma sociedade menos discriminatória em relação a orientação sexual e identidade de gênero.

Segundo os pesquisadores houve grande receptividade por parte dos inqueridos em dar subsídios extra sobre o tema, o que permitiu colher bastante informação. Dados preliminares apontam para um grande conhecimento sobre a homossexualidade dentro do contexto da orientação sexual da cidade de (Maputo 94.5%) que diminui a média em que se avançar para o Norte do país (Beira 77%) e (Nampula 72.9%).

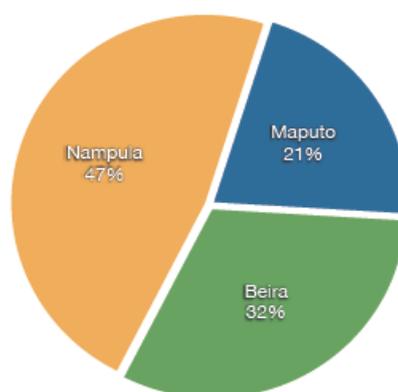


Gráfico 1: Distribuição da amostra por província

O maior conhecimento está acompanhado de maior aceitação para o caso da cidade de Maputo (36%, já Beira apenas 19% acha normal a homossexualidade e Nampula 28%. Mas por outro lado, se a maioria dos inquiridos aceitariam um convite para ouvir uma palestra sobre homossexualidade, há ainda uma grande resistência em relação aos homossexuais assumirem cargos de liderança ou até gozar dos mesmos direitos que os casais heterossexuais em linhas gerais o estudo revelam que há ainda grandes desafios na sociedade moçambicana

para a salvaguarda dos direitos das minorias sexuais. Jose Chiluvane no seu comentário afirmou que:

A mente humana tem muitas dificuldades em abrir-se a coisas novas, e principalmente quando ela é pouco instruída por isso é que os primeiros a reconhecer a homossexualidade. Muitos do que consideram aberração o grau de lésbica na sua árvore genealógica e aí serão obrigados a mudar de paradigma. É preciso entender que da mesma forma que tu não escolheste ser homem & mulher o gay também não escolheu nascer assim, o mundo, o albino também não escolheu, o albino e olhe que na antiguidade estes também eram discriminados, eram considerados filhos do diabo, da mesma forma que fazem com os gays e lésbica, deixem isso, os gays são pessoas normais, e muitos deles são pessoas melhores que muitos que se consideram normais.

O registo da Lambda está pendente, apesar de inquérito do Afrobarómetro referir que em Moçambique a maiorias dos cidadãos expressam aceitação e ou não se importa em ter vizinhos que sejam homossexuais, aliado ao facto de que, em 2014, o país ter despenalizado a homossexualidade com a entrada em vigor do novo Código Penal.

Ainda assim, a Lambda é a única organização LGBT do país de registo da organização pendente no Ministério da Justiça. Na senda dos resultados do inquérito do Afroborómetro, importa referir que o relatório “Atitudes perante a homossexualidade nas cidades de Maputo, Beira e Nampula”, levado a cabo pela lambda em 2013 refere que “há uma tendência entre os homossexuais quando se trata de um indivíduo não próximo das suas relações sociais”. De acordo ainda com mesmo estudo, os inqueridos mostram-se indiferentes, acoutam ou toleram quando são figuras como médicos e professores. Mas quando se trata do filho ou filha que assuma essa identidade, a tendência é fazer com que o mesmo mude de ideias. Em termos percentuais os dados indicam que esta afirmação é verdadeira para cerca de 32.2% das pessoas em Nampula e 29.4% na cidade de Beira a cidade de Maputo foi a única em que a maior parte 37.9% dos entrevistados respondeu que a aceitaria ter filho que admitisse publicamente ser homossexual em detrimento dos que fariam mudar de ideia (23%)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste TCC, procurei analisar e apresentar os sujeitos que se auto-definem como LGBT em Moçambique, especialmente aquelas e aqueles que fazem parte da Associação Lambda. É fato que há outras associações, que possuem páginas no *Facebook*, o que tem se mostrado de grande importância para a divulgação dos seus trabalhos em defesa dos direitos humanos e do direito das pessoas LGBT, como a Associação Gay Caboverdiana⁶ a Mindelo Pride⁷ a Legabibo⁸, a Rainbowy Sudany⁹ além da atuação de ativistas individuais, porém, o trabalho da Lambda se destaca pelos diversos produtos realizados e ligados à pesquisa, as mídias sociais como espaço não somente de divulgação como também de exposição de suas lutas.

Como disse na introdução, não compreendo que a diversidade sexual se dê no continente africano do mesmo modo que em outros continentes e seus países. As culturas possuem modos de vida particulares, singulares e dentro delas os indivíduos possuem as suas práticas, que são ou não inseridas na cultura e na sociedade. Além do trabalho destacado da Lambda, tomei como critério para a sua escolha o fato dela mesmo se dizer a favor dos direitos LGBT, advogando em causa desta população, ou seja, a Lambda se auto-defini a favor dos LGBT como é possível verificar em seu site¹⁰. Não é mais uma afirmação minha, mas das próprias pessoas que fazem a associação, muitas delas LGBT como é possível verificar nas suas mídias e redes sociais. Esta pesquisa requereu de mim muitas horas de leitura, tanto da bibliografia estudada quanto de acompanhamento das redes sociais da Lambda, o que se mostrou a mim como um campo de pesquisa novo, que é a Etnografia Virtual ou a Netnografia. Como exercício inicial na formação de uma pesquisadora, foi o exercício ao qual me dediquei.

Procurei estabelecer este recorte, considerando as realizações da Lambda. Não abordei o conteúdo todo, nem me detive em todos os produtos realizados pela associação. Procurei com os produtos midiáticos analisados mostrar formas de resistência ou de agência dos sujeitos LGBT em suas vidas, em sua sociedade e cultura. Trata-se de um trabalho inicial, pois reconheço que tenho muito a ler, a escrever, a desenvolver, mas trata-se de um TCC , que

⁶ Fonte: <https://www.facebook.com/associacao.gaycaboverdiana?fref=ts> Acessado em 22.11.16

⁷ Fonte: <https://www.facebook.com/MindeloPride/?fref=ts> Acessado em 22.11.16

⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/LeGaBiBo-204201474250/?fref=ts> Acessado em 22.11.16

⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/SudanRainbow?fref=ts> Acessado em 22.11.16

¹⁰ Fonte: <http://www.lambdamoz.org/index.php/sobre-nos/ser-membro> Acessado em 22.11.16

é a primeira experiência de escrita e de pensar metodologicamente e de forma cientificamente organizada. Espero que eu tenha alcançado os meus objetivos já expostos na introdução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. In: **Revista USP**. São Paulo, N. 86, junho/agosto 2010.

Associação Lambda. <http://www.lambdamoz.org> Acessado em 22.11.16

_____. Atitudes perante a homossexualidade nas cidades de Maputo, Beira e Nampula. 2013. Fonte: <http://www.lambdamoz.org/index.php/recursos/publicacoes/12-atitudes-perante-a-homossexualidade-nas-cidades-de-maputo-beira-e-nampula/file> Acessado em: 22.11.16.

_____. Discriminação por orientação sexual nas relações laborais na cidade de Maputo. Fonte: <http://www.lambdamoz.org/index.php/recursos/publicacoes/11-discriminacao-por-orientacao-sexual-nas-relacoes-laborais-na-cidade-de-maputo/file> Acessado em 22.11. 2016

_____. Página da Lambda no Facebook. <https://www.facebook.com/LambdaMoz/?fref=ts> Acessado em 22.11.16

_____. Jornal As Cores do Amor. Fonte: <http://www.lambdamoz.org/index.php/recursos/publicacoes> Acessado em; 22.11.16

BAGNOL, B. **Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula**. Maputo: Embaixada do Rio das Países Baixo, 1996.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DAMASCENO et al. **Pesquisa qualitativa: formação e experiências**. Curitiba: CRV, 2016.

DU BOIS, W. **The Negro**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 2007.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Sexual inversion among the Azande. **American Anthropologist**, 2, p. 1428 – 1434. 1970.

_____. Inversão sexual entre os Azande. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. In: **Bagoas**. N. 07, 2012, p. 15 – 30.

FERRAZ, Daniel et al. **Etnografia virtual: uma tendência para a pesquisa em ambientes virtuais de aprendizagem e de prática**. São Paulo: USP, 2009.

HOAD, N. **African Intimacies: Race, Homosexuality and Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano(a)s em Fortaleza. In: *Revista Lusófonas de Estudos Culturais*, V. 2, N. 1, p. 102- 122, 2014.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Moreira, Cid. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. (Org.) SOVIK, Liv. 1a ed. atual. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MIGUEL, Francisco Paolo Vieira. **“Levam má bô”**: (homo)sexualidade entre os Sampedjudus da Ilha de São Vicente de Cabo Verde. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília, 2014.

_____. **Por uma antropologia da homossexualidade em África**: o caso de Cabo Verde. Trabalho apresentado na 29ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014b, Natal/RN.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico negro. In: **Afro-Ásia**, 33. 2005.

ODUWOLE, E. O. The Reality of Homosexuality in Africa. The Yoruba Example. In: FALOLA, T; AKUA, N. **Women, Gender, and Sexualities in Africa**. Durham: Carolina Academic Press, 2013.

RODRIGUES, C. **A Homoafetividade e as relações de género na Cidade da Praia**. Dissertação de Mestrado. Praia, Cabo Verde: UniCV: 2010.